

**PAPÉIS TEMÁTICOS  
E ESTUDO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

*Nestor Dockhorn*  
[nestor.doc@uol.com.br](mailto:nestor.doc@uol.com.br)

A presente comunicação apresenta duas partes: na primeira parte, formulamos certos aspectos teóricos relativos ao tema *papéis temáticos*. Na segunda parte, mostramos como a teoria dos papéis temáticos poderia ser aproveitada no ensino de línguas estrangeiras, especialmente na fase inicial.

**ASPECTOS TEÓRICOS DO TEMA PAPÉIS TEMÁTICOS**

Dividimos a presente exposição do tema papéis temáticos em duas subpartes: a história do tema e sua apresentação atual.

***História do tema***

Muitas línguas apresentam certas estruturas morfológicas denominadas **casos**. Esse fenômeno ocorre não somente em línguas antigas, como o latim e o grego, mas também em idiomas modernos, como o alemão, o russo, o polonês, e outros. Essas estruturas morfológicas é que serviram de ponto de partida para o que vem descrito abaixo.

Em 1968, o linguista americano Charles Fillmore publicou um estudo intitulado *The Case for Case*. Esse estudo foi traduzido para o português com o título *Em Favor do Caso*, capítulo inserido na obra *A Semântica na Linguística Moderna: o Léxico*, organizada por Lúcia Maria Pinheiro Lobato.

Nesse estudo, Fillmore faz um paralelo entre o “*caso*”, como é praticado em certas línguas, e determinadas categorias semântico-sintáticas, que podem ser observadas no estudo das sentenças.

Segundo Cançado, Gruber (em 1965) e Jackendoff (em 1972) também trataram do mesmo tema. O ponto de vista desses autores era que as relações gramaticais de sujeito, objeto etc. eram insufici-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

entes para explicar as relações de dependência existentes em certas construções.

A teoria de *Gramática de Casos* é mencionada por Dubois (Dicionário de Linguística) e por Crystal (Dicionário de Linguística e Fonética). Os termos empregados para designar os casos apresentam divergências entre os autores. Aparecem AGENTE – INSTRUMENTO – OBJETO – LOCATIVO – DATIVO – CONTRA-AGENTE (Dubois) ou AGENTIVO – INSTRUMENTAL – DATIVO – FACTITIVO – LOCATIVO – OBJETIVO (Crystal).

Já Trask (Dicionário de Linguagem e Linguística) não menciona o termo *Gramática de Casos*. Ele menciona o termo *papéis temáticos*, que não é mencionado nem por Dubois, nem por Crystal.

No mencionado artigo *The Case for Case*, Fillmore menciona os seguintes casos: Agentivo, Instrumental, Dativo, Factivo, Locativo, Objetivo. Observamos que esses termos correspondem parcialmente aos termos mencionados por Dubois e Crystal.

### ***Apresentação atual do tema***

Atualmente, o termo *Gramática de Casos* foi substituído por *Papéis Temáticos*. Dubois não menciona esse termo. Trask, no verbete *papel semântico*, diz que papéis semânticos também são denominados *papéis participantes* ou *casos profundos* ou *papéis temáticos* ou *papéis- $\theta$* . Nesse verbete, ele menciona Agente, Paciente, Receptor, Locativo, Alvo, Tema, Instrumento. Menciona também a dificuldade ocorrente entre os especialistas no estabelecimento ou na denominação desses papéis.

A Professora Márcia Caçado, na obra *Semântica Formal*, apresenta um capítulo intitulado *Um estatuto teórico para os papéis temáticos*. Nesse capítulo, a autora faz um levantamento dos principais papéis temáticos encontrados na literatura, isto é, agente, instrumento, paciente e objetivo. Apresenta também os conceitos (divergentes) que Fillmore, Halliday, Chafe e Cook. Para aprofundar a questão, Caçado acrescenta quatro propriedades semânticas que podem distinguir melhor os papéis temáticos: ser *desencadeador* de um

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

processo, ser *afetado* por um processo, ser um *objeto estativo*, ter *controle* sobre um processo.

Outros autores, como Franchi, Moreira, Silva, Duarte, Berg também têm estudado o problema dos papéis temáticos. Eles podem ser acessados pela Internet, buscando-se o título Papéis Temáticos em Google.

### ***Pontos polêmicos***

Na reflexão e teorização dos papéis temáticos, nem tudo pode ser aceito tranquilamente. Há pontos em que a reflexão filosófica pode divergir da conceituação feita pelos linguistas.

Começemos pelo termo *agir/ação*. Na reflexão linguística *a-gir* se opõe a *ser*. E o *ser* se apresenta como sinônimo de *existir*. Se remontarmos à língua grega, observamos que nela havia o verbo  $\epsilon\mu\phi$  [ejmi], com sentido de *existir*, contrapondo-se a  $\gamma\phi\nu\nu\omicron\mu\alpha\iota$  [gignomaj], que significa *tornar-se*. Na língua latina, usava-se inicialmente só o verbo **sum**, empregado con- comitantemente para o sentido de *existir* e como *verbo de ligação*. No decorrer do tempo, o verbo **exsisto**, que tinha o sentido primitivo de *apare- cer*, passou a ser empregado no sentido de *existir*.

Pergunta-se, porém, o que é *existir*? Significa simplesmente *estar aí*? Ou ser um mero “suposto” (**suppositum**), que “suporta” as ações? Os filósofos modernos conceituam *ser* como *agir*. Ser não é simplesmente um *estar presente*, como uma pedra monolítica. Na verdade, *estar presente* não é simplesmente *estar aí*, simplesmente ocupar um espaço físico ou mental. Chegaríamos à conclusão de que não é possível separar o *ser* do *agir*.

O raciocínio nos leva à conceituação de *ação*. Poderíamos dizer que *ação* é qualquer *alteração de algo ou alguém*. Isso nos leva a concluir que dizer que uma *percepção não é uma ação* é uma asserção não correta. Podemos distinguir vários tipos de ação, sendo que a percepção é um tipo de ação, e o perceptor é um tipo de agente.

Outra observação a ser feita é de que devemos distinguir entre uma ação modificadora e uma ação criadora. Uma coisa é *fazer uma mesa* e outra é *pintar uma mesa*.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

### **APROVEITAMENTO DOS PAPÉIS TEMÁTICOS NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

No desenvolvimento desta parte, faremos, inicialmente, observações sobre vários métodos de ensino de línguas, na sua fase inicial; posteriormente, apresentaremos as experiências pessoais, na produção de cursos de várias línguas.

#### ***Linhas seguidas por métodos de ensino de línguas***

Se observarmos os vários métodos de aprendizagem de línguas estrangeiras, notaremos que, de forma bastante sistemática, as sentenças propostas inicialmente apresentam designações de seres, começando com perguntas do tipo “Que é isto?” ou “Quem é este?”. Mesmo nas línguas em que a cópula está ausente (como russo, hebraico), a linha é a mesma. Ou então aparecem palavras isoladas, referentes a imagens, tais como “homem”, “mulher”, etc.

No prosseguimento, aparece muitas vezes a questão “Onde está fulano?” ou “Onde trabalha fulano?”, com as respectivas respostas (ou as respostas levam às perguntas).

Um método que tenho muito utilizado nos meus estudos de línguas tem o mesmo título para várias línguas: “*O francês por imagens*”, “*O alemão por imagens*”, “*Hebrew through pictures*”, “*Russian through pictures*”.

Não é meu objetivo fazer um estudo sistemático dos métodos de ensino de línguas estrangeiras. Apenas menciono, a voos de pássaro alguns itens principais. No método acima citado, a principal questão inicial é “Onde está fulano?” Também aparecem bastante inicialmente, sentenças com verbos transitivos, como *pegar*, *levantar*, *colocar*. Isso já nos leva ao papel de Agente/Ação e nos forçaria a dizer que papel atribuímos ao Objeto Direto da Análise Sintática tradicional. No mesmo método aparece a ação de “dar”, que nos leva ao problema do Objeto Indireto (muito mal formulado na Análise Sintática tradicional). Forçosamente, teríamos de introduzir o papel de Beneficiário. Aparecem ações realizadas por meio de um instrumento; aparecem locomoções; aparecem distinções de parte/todo; apare-

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

cem relações de parentesco. Perguntamo-nos, então, como encaixaríamos tudo isso num esquema de papéis temáticos.

### ***Linhas seguida pelo autor na produção de cursos de línguas***

Desde jovem, o autor se preocupou com a didática de línguas. Inicialmente, sua atenção se dirigiu para as línguas clássicas. Produziu uma *Crestomatia Grega*, na época em que o grego se ensinava no ensino médio. Produziu *Roteiros de Língua Latina* e *Sermo Latinus Facilis – Gradus Primus e Gradus Secundus*.

Nos dois últimos anos, produziu ΕΛΛΗΝΙΚΗ ΓΛΩΤΤΑ φ ΠΡΩΤΟΣ ΒΑΘΜΟΣ [helleˈniːkeː ˈɡlɔːtta ˈpɾɔtɔs bathˈmɔs], LINGVAE LATINAE NOVA VIA, Curso de Francês, Curso e Alemão.

Nesses quatro cursos, o autor seguiu o mesmo roteiro, embora as sentenças não sejam exatamente as mesmas. Procurou acomodar-se às linhas dos Papéis Temáticos, fazendo adaptações próprias.

Podemos exemplificar com o *Curso de Alemão*. Esse curso está dividido em 11 lições. Na primeira lição, são apresentadas sentenças com simples ações. Isto é, aparece o eixo AGENTE/AÇÃO. Durante todo o curso, o autor não faz distinção entre AGENTE/PERCEPTOR.

Na segunda lição, aparecem verbos transitivos com objetos diretos. A esses, o autor dá a denominação de METAS.

Da terceira à sexta lição, são apresentados casos de LOCATIVO. Entretanto, esses locativos são tratados com ua série de distinções: INTERIORIDADE, INTERIORIZAÇÃO, PROCEDÊNCIA /EXTERIORIZAÇÃO, APROXIMAÇÃO.

Na sétima lição, é apresentado o BENEFICIÁRIO (aquilo que seria o verdadeiro objeto indireto).

Na oitava lição, aparece o COMITATIVO (COMPANHIA). Na nona lição, é apresentado o INSTRUMENTAL.

Na décima lição, é feita uma distinção entre POSSUIDOR/POSSUÍDO e PARTE/TODO.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Na décima primeira e última lição, são apresentados ESTADOS e CARACTERIZAÇÕES.

O autor se afasta da designação *Posse Inalienável*, nos casos em que se tem uma relação de *Parte e Todo*, como nos exemplos *ca-beça do homem, pata do porco* (em seres vivos) ou nos exemplos *porta da casa, janela da sala*. O autor considera muito mal empregado o termo *posse*, que pertence à linguagem jurídica, apresentando casos totalmente alheios à relação *parte/todo*.

O autor considera oportuna a denominação de CARACTERIZAÇÃO, que inclui a relação CARACTERIZADO/CARACTERIZADOR.

### CONCLUSÃO

Há autores que pensam que uma língua estrangeira deve ser aprendida naquele entrevero da comunicação, em que se mesclam elementos diferentes, com papéis semânticos e sintáticos muito divergentes. Pensam que a linha de aprendizagem das crianças se processa dessa forma.

Respondemos que as crianças também começam, na sua aprendizagem, a fazer distinções semelhantes aos nossos papéis temáticos. E para adultos, com capacidade de fazer raciocínios lógicos, a distinção de papéis temáticos, na aprendizagem de línguas estrangeiras, pode ser muito útil. É claro que se supõe que a aprendizagem proceda à necessária mesclagem desses papéis. Assim como se supõe que a aprendizagem, depois de uma fase de sentenças simples, também parta para a aprendizagem de sentenças complexas e textos.

### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BAILLY, A. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1950.

CANÇADO, M. *Um estatuto teórico para os papéis temáticos*. In: MULLER, A. L. et alii (org.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003.

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CUVILLIER, A. *Pequeno vocabulário da língua filosófica*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

DOCKHORN, N. *Curso de grego*. Volta Redonda, 2009 (comp.)

----- *Curso de alemão*. Volta Redonda, 2009 (comp.)

----- *Linguae latinae noua uia*. Volta Redonda, 2009 (comp.)

----- *Curso de francês*. Volta Redonda, 2009, (comp.)

DUBOIS, J. et alii. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

ERNOUT, A., MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 1967.

FILLMORE, C. J. Em favor do caso. **In:** LOBATO, L. M. P. *A semântica na linguística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

RICHARDS, I. A. et alii. *O francês por imagens*. São Paulo: Hemus, [s/d.].

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.